UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VANESA MARTINS DE SOUZA

HOMEM RIO: UMA LEITURA METAFÓRICA SOBRE A DENÚNCIA SOCIAL EM O CÃO SEM PLUMAS, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

DELMIRO GOUVEIA – AL
2022

VANESSA MARTINS DE SOUZA

HOMEM RIO: UMA LEITURA METAFÓRICA SOBRE A DENÚNCIA SOCIAL EM O CÃO SEM PLUMAS, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Morais Cunha.

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S729h Souza, Vanessa Martins de

Homem rio: uma leitura metafórica sobre a denúncia social em O Cão sem Plumas, de João Cabral de Melo Neto / Vanessa Martins de Souza. – 2022.
62 f. : il.

Orientação: Marcos Alexandre de Morais Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. O Cão sem Plumas. 4. Melo Neto, João Cabral de, 1920-1999. 5. Poesia de 45. 6. Metáfora. 7. Denúncia social. 8. Miséria. I. Cunha, Marcos Alexandre de Morais. II. Título.

CDU: 869.0(81)-1

FOLHA DE APROVAÇÃO

VANESSA MARTINS DE SOUZA

HOMEM RIO: UMA LEITURA METAFÓRICA SOBRE A DENÚNCIA SOCIAL EM O CÃO SEM PLUMAS, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovada em 21 de dezembro de 2022.

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 26/12/2022 17:07:18-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Morais Cunha (Orientador)
Universidade Federal de alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 03/01/2023 18:26:21-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Profa. Dra. Clarissa Loureiro Marinho Barbosa (Examinadora Externo)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico à minha mãe, Maria. E para Carmelita, Avó (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta pesquisa e no decorrer dos anos de curso e estudo, tive pessoas que permaneceram ao meu lado por vezes exercendo o papel de abrigo, de calmaria e segurança, pessoas essas que estavam presentes comigo nessa caminhada, alimentando cada esperança e, principalmente, me incentivando e dando forças para seguir em frente. Depois dessa longa jornada consegui realizar e concluir essa etapa da minha vida acadêmica, não poderia deixar de reconhecer e registrar aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar à Deus que nunca me desamparou mesmo me sentindo tão frágil sempre ouviu minhas orações, não entendo o porquê de tantas provações eu confio e entrego a ele a missão de guiar os meus passos.

A minha mãe Maria da Conceição, que foi o meu pilar durante todos esses anos, minha fortaleza e sem dúvidas meu refúgio, com toda certeza essa licenciatura é para ela, a pessoa que mais me incentivou e segurou a minha mão sem fraquejar nem por um segundo.

Aos meus filhos, Theodoro Daniel e Maria Luíza, que são o meu maior tesouro, ambos, gerados durante a minha trajetória acadêmica, fazendo com que cada passo e conquista consequentemente tivesse um peso maior e carinhosamente mais valor também.

Ao meu companheiro Aleff Daniel, que por vezes compartilhou da minha angústia, sempre me deu apoio para seguir em frente e durante todos esses anos foi um dos meus maiores incentivadores ao lado da minha mãe.

Ao meu pai José Carlos, por se fazer presente durante toda essa trajetória.

Aos meus irmãos, Mônica, Verônica, Johnnes, Diogo, Douglas, José Victor, Milena, por sempre torcerem pelo meu sucesso e vibrar com as minhas conquistas.

Em especial a minha irmã Yasmin, que ao longo dessa caminhada soube cuidar e amar tão incansavelmente meus filhos, meu tesouro maior.

As minhas companheiras de graduação, Carleane, Cleidiane, Jáfia e Valfrida por dividir comigo todos os momentos e experiências que a graduação proporcionou.

A minha amiga e companheira de graduação Raiane, por ser não só uma amiga como também abrigo quando mais precisei, por sempre torcer e vibrar pelo meu êxito, por ser o presente mais lindo que a UFAL me deu, por permanecer em minha vida

mesmo após o término do curso e principalmente dividir comigo essa amizade recíproca que já considero irmandade

Aos meus avós que sempre mostraram orgulho quanto a pessoa que sou, em especial, minha avó que hoje não se encontra mais entre nós e que carinhosamente será lembrada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha, que foi meu maior conselheiro durante a produção deste trabalho, foi também paciente quanto há vários contratempos que tive durante a construção desta pesquisa, sempre se mostrando paciente e disposto a ajudar, o meu muito obrigada por cada ensinamento proporcionado durante todo esse percurso.

Aos demais amigos e familiares que tiveram participação nessa jornada, direta ou indiretamente, que torceram e vibraram por cada obstáculo superado, e que assim como eu, ansiavam por este momento.

Por que é mais espessa
a vida que se luta
cada dia.

(João Cabral)

RESUMO

O presente trabalho tem como principal foco compreender através da metáfora analisada no poema *O cão sem Plumas* - 1950, de João Cabral de Melo Neto, a denúncia social retratada e descrita no poema, como também, falar sobre a forma como o homem e o rio são vistos e tratados ao longo de sua trajetória. Nesse sentindo, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar a metáfora construída no poema *O Cão sem plumas*, pensando nessa poesia como resistência, ao tempo, período e forma como sobreviverá naquele momento. Utilizamos como metodologia uma pesquisa de caráter teórico bibliográfico a base teórica é comportada pelos autores: Castro (1948), Cohen (1996) e Lefebve (1980). Para refletir acerca do homem e da metáfora construída ao falar de sua trajetória, tendo em vista que o poeta utiliza-se da comparação para discutir a poesia, exibindo seu ponto de vista acerca do que lhe foi exposto sobre sua cidade de origem, a obra utilizada para realizar este trabalho, vem justamente quebrando essa associação glamorosa que as pessoas pensam ao falar em poesia, João Cabral e o também poeta Vinicius de Moraes, ambos diplomatas e com um grande talento a poética, João Cabral teria dito que Vinicius fazia poesia para embalar o leitor, enquanto ele a fazia para joga-lo no chão (MELO NETO, 2020, p.10). É justamente esse tipo de efeito que o poema causa, uma obra de grande impacto na sociedade. Lembrando que, falar sobre uma das obras de um dos poetas mais importantes do modernismo como João Cabral não é uma tarefa fácil, tendo em vista que o mesmo é conhecido como o poeta engenheiro, justamente por construir seus poemas de forma engenhosa, organizada. Para uma melhor compreensão sobre João Cabral falaremos também sobre sua origem cronologicamente, que se deu na geração de 1945, a terceira geração modernista.

Palavras-chave: João Cabral, cão sem plumas, reflexão, lama, sujeira, condição de miséria.

ABSTRACT

The main focus of this work is to understand, through the metaphor analyzed in the poem O Dog without Plumas - 1950, by João Cabral de Melo Neto, the social denunciation portrayed and described in the poem, as well as talking about the way in which man and the river are seen and treated along their trajectory. In this sense, the objective of this course conclusion work is to analyze the metaphor built in the poem O Cão sem plumas, thinking about this poetry as resistance, to time, period and how it will survive at that moment. We used as a methodology a research of theoretical bibliographical character the theoretical base is behaved by the authors: Castro (1948), Cohen (1996) and Lefebve (1980). In order to reflect on the man and the metaphor constructed when talking about his trajectory, considering that the poet uses comparison to discuss poetry, showing his point of view about what was exposed to him about his city of origin, the work João Cabral and the poet Vinicius de Moraes, both diplomats and with a great talent for poetry, João Cabral would have said that Vinicius wrote poetry for rocking the reader while he did it to throw him to the ground (MELO NETO, 2020, p.10). It is precisely this type of effect that the poem causes, a work of great impact on society. Remembering that, talking about one of the works of one of the most important poets of modernism like João Cabral is not an easy task, considering that he is known as the engineer poet, precisely for building his poems in an ingenious, organized way. For a better understanding of João Cabral, we will also talk about his origin chronologically, which took place in the 1945 generation, the third modernist generation.

Keywords: João Cabral, dog without feathers, reflection, mud, dirt, miserable conditions.

Sumário

1. INTRODUÇÃO **11**
2. GERAÇÃO DE 45 ..... **17**
2.1. As características da Geração de 45 20
2.2. Contexto histórico 23
3. RIO CAPIBARIBE E A POÉTICA AVESSA **28**
3.1. Capibaribe, forma e força 29
3.2. Imagem desplumada 32
4. A DENÚNCIA E O PERCURSO POÉTICO EM O CÃO SEM PLUMAS **36**
4.1. A simbiose homem caranguejo 37
4.2. Discurso metaforizado 40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **49**
REFERENCIAS **53**

I. INTRODUÇÃO

A oportunidade de um contato realmente real com a literatura, de modo que me fez compreender que o campo é extremamente vasto, só tive na universidade, antes disso, no ensino médio o pouco de conhecimento que tive acerca da literatura em si foi bem defasado, sempre estudei em escolas públicas e sabemos que nem sempre a condição oferecida pelo governo é a mais diversificada e favorável possível, muito pelo contrário algumas dessas instituições não conseguem passar nem o básico por falta de suporte técnico e estrutural.

Sendo assim tive um ensino com muitos “malabarismos” quando digo isto estou me referindo justamente a essa questão do pouco que me era ofertando, de forma até dinâmica digamos assim, muitas das vezes com livros dos professores, emprestados por eles mesmos em curto prazo, e não eram todos que agiam dessa forma, vale salientar que foi um tanto quanto conturbado, mas nada que me fizesse perder aquela vontade de saber mais. Mesmo sendo um campo de estudos complexo, me desafiei a tentar compreender de alguma forma certas vertentes do campo literário. Os conteúdos que me foram dirigidos sobre a literatura na passagem que fiz pelo ensino médio, foram obras emblemáticas de autores maravilhosos como: vidas secas do nosso autor conterrâneo Graciliano Ramos, e Dom Casmurro de Machado de Assis. É inegável o quanto se fez necessário a interação com essas obras para que despertasse o gosto pela leitura, e mais ainda pelo fazer literário.

A forma como os livros de literatura me abraçava era diferente, a forma como a poesia me tocava construtivamente foi/é avassaladora, como se de alguma forma me compreendesse, e compreende, porque se não fosse por isso não estaria aqui hoje falando sobre a literatura, o fazer poético e a arte em si, como descrever nos mínimos detalhes e enxergar a cada leitura uma condição nova sobre as perspectivas dos autores.

E foi dessa forma me tornei uma pessoa interessada pela a inovação que tanto é aplicada no campo literário, e foi justamente essa questão que fez com que João Cabral de Melo Neto fosse o autor escolhido para a produção deste trabalho, a poesia de Melo Neto veio chamar a minha atenção perto do fim da graduação, pois foi quando tive contato com a mesma, o fazer literário do respectivo autor é totalmente inovador e forte, assim como suas convicções sobre a forma de fazer poesia. Sua autocrítica é algo totalmente natural da pessoa que João Cabral é, desse modo, tornou-se

referência dentro do campo literário, e enriquecendo ainda mais a busca em pesquisas na área literária com suas obras.

Esta motivação inicial descrita acima se fez necessária para que a compreensão acerca do referido trabalho seja feita de forma “completa”, assim como acredito que toda pesquisa precisa de questões introdutórias, sei também que preciso seguir o rigor teórico que todo trabalho científico pede, no entanto em minhas primeiras palavras não poderia deixar de representar de forma sucinta, o que me fez chegar até aqui e o quão importante foi essa jornada, tratando de estudos literários, é inegável minha relação de intimidade com o campo referido e assim demonstrado anteriormente.

A produção poética de João Cabral de Melo Neto, de fato contribuiu de forma significativa para a literatura e poesia brasileira, a primeira impressão para aqueles que estão acostumados com uma poesia emotiva, é de estranhamento, pois seu trabalho é basicamente cerebral, uma batalha travada por ele próprio na busca pela poesia construtivista, objetiva e comunicativa, um autor que compõem obras extremamente expressivas sem recorrer à atmosfera emotiva como falamos anteriormente, para João Cabral o poema não basta apenas ser, tem que fazer, ou mesmo enunciar, de alguma forma, ainda que seja nas entrelinhas algo construtivo, ou formar um discurso que construa algo.

A poesia de João Cabral tem uma vasta capacidade de estudos e aspectos, envolvendo desde a estrutura dos poemas como, a métrica e a poética empregada por ele, até a forma como são abordados e contextualizados, de modo que exprimem figuras e imagens mentais, nos fazendo visualizar mentalmente descrições em seus poemas, ou seja, há sempre algo a se pesquisar dentro da vastidão que nos proporciona as obras de João Cabral de Melo Neto, iremos entender melhor com a fala de Ítalo Calvino (1993, p.11), onde ele diz que um clássico sempre tem algo novo a acrescentar a cada leitura, para o mesmo os clássicos são obras que não padecem, dessa forma, entendesse que a cada leitura algo novo é descoberto. Levando em consideração a observação de Ítalo Calvino, podemos afirmar que toda obra de João Cabral ainda tem muito que contribuir e acrescentar no campo dos estudos literários. Sendo assim acreditamos que este estudo possa contribuir de alguma forma para o catálogo de pesquisas feitas sobre as obras do autor. Por ser tratar de um autor importante, escolhemos uma obra em questão para ser trabalhada, visando contribuir de forma significativa para os estudos no âmbito literário.

Dentro da vastidão de características que são as obras de João Cabral de Melo Neto, a escolhida para este trabalho foi à obra O Cão Sem Plumas, um longo poema publicado em 1950 enquanto João Cabral cumpria missão diplomática na Espanha, mais precisamente em Barcelona, a obra foi toda produzida manualmente por uma prensa, foi à primeira produção de peso em que João Cabral abordou aspectos regionalistas e nordestinos, obtendo como palco sua terra natal. A obra vem retratando o percurso do rio Capibaribe, enunciando de maneira detalhada a crítica social que existe dentro do poema, juntamente com demais características de cunho ambiental, onde as comparações dentro do corpus do poema se tornam tão real que nos confunde a ponto de enxergar diversas situações existentes dentro de uma obra tão rica como esta.

Nas obras de João Cabral, vemos o quanto é comum as pesquisas feitas sobre a metalinguagem utilizada pelo autor em seus poemas, é inegável o quanto é complexo tal abordagem, e o quão necessário é, pois, discutir o fazer poético dentro da própria poesia é algo recorrente de João Cabral, a sua autocrítica o faz ainda mais pertinente em suas abordagens. Porém neste trabalho queremos utilizar da metáfora, uma vertente diferente para um trabalho diferente, no qual iremos destacar as comparações que existe dentro do poema, com um olhar reflexivo e atento aos detalhes que o poema exala de forma diversificada.

Tendo em vista essa questão de análise que propomos acerca da metáfora, o que este trabalho busca trazer de contribuição para esse campo de pesquisa não tão trabalhado e pesquisado quanto à metalinguagem, que citamos anteriormente, é justamente um olhar sobre uma perspectiva diferente que a reflexão acerca da denúncia social impregnada no poema faz com que a atenção ao texto seja maior ainda, alimentando assim de forma considerável as pesquisas feitas dentro desse recurso que é a figura de linguagem metáfora, nos fazendo pensar acerca do quão os poemas, e mais especificamente a obra O cão sem plumas de João Cabral, que retrata uma sociedade exclusiva de forma tão profunda e ensurdecedora, evidenciando tantas falhas acerca de uma população que vive dentro de um círculo vicioso que se tornou o mundo, e principalmente as categorias do meio social, onde o menos favorecido é esquecido, posto de lado como um cão abandonado, em condições desumanas e precárias. Portanto o que pretendemos fazer neste trabalho é discutir e analisar de forma lúcida o que a obra trata, utilizando o recurso da metáfora, dessa forma acreditamos que as contribuições acerca deste trabalho são relevantes, levando

em conta a forma como João Cabral alimenta suas obras e os assuntos tratados por elas.

Com o desejo de contribuir com uma representação significativa, este trabalho se propõe a analisar como se dá as comparações feitas dentro do poema utilizando o recurso da metáfora, assim como os assuntos tratados por ela na obra O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto.

É notório nas obras e nos artigos publicados por João Cabral o quanto seu teor crítico era de sua figura, assim como suas questões éticas. Dessa forma acreditamos que para o desenvolvimento deste trabalho é preciso fazer uma leitura da geração de 1945, para podermos compreender como chegamos até João Cabral, nessa geração que promoveu grandes acontecimentos, e desse modo, entender também de forma concisa como se deu o processo do modernismo no Brasil. Com tudo a leitura sobre a Geração de 45 será feita sobre olhar e as perspectivas dos teóricos e autores como: Amoury (2011), Coutinho (2004), Araújo (2019), Santos & Telles (2019). As leituras acerca desses autores se mostram totalmente necessárias para que possamos prosseguir com o trabalho e assim entender como era o contexto histórico da época.

Como objetivo geral, pretendemos alcançar nessa pesquisa, compreender como ocorre o processo de construção da metáfora e quais assuntos tratados por ela no poema O cão sem plumas, de João Cabral de Melo Neto. Juntamente a este objetivo acrescento também as questões específicas que são elas: compreender a terceira geração modernista, salientando feitos importantes da época, assim como seu papel, para que desse modo a leitura deste trabalho possa prosseguir de forma dinâmica e esclarecedora. Entender os constituintes que permeiam por meio das águas do rio Capibaribe, descrito e retratado no poema O cão sem plumas, como também seus feitos perante a natureza e a sociedade. E por fim analisar os aspectos comparativos metafóricos no poema em torno da denúncia social que faz com que sofra, o rio, e o homem.

A pesquisa será em torno do enfoque teórico bibliográfico explicativo, a metodologia se dará dessa forma para que tenhamos como base os textos em si, aplicando de modo mais reflexivo e trazendo de maneira dinâmica as questões literárias que serão tratadas nessa pesquisa, visto que a observação sempre girará em torno da construção metafórica e dos demais assuntos tratados dentro do poema. Diante disso a construção da pesquisa se dará de leituras e análises feitas acerca de

textos trabalhados por teóricos, dentro do contexto que a pesquisa exige e permite no âmbito literário, de modo que comporte nossa problemática.

Considerando a visão geral exposta até aqui e pretendendo ter um bom resultado, juntamente com uma interpretação mais completa, iremos tentar expor e discutir sobre a geração e 1945, visto que é necessário para que possamos compreender o contexto histórico em que João Cabral estava inserido mesmo que apenas cronologicamente, como iremos acompanhar mais à frente no capítulo sobre a geração de 45.

Além de discutirmos aqui sobre a geração de 45, suas nuances, características e contradições, iremos falar também sobre o rio Capibaribe e como o mesmo é formado, sua história, sua geografia e o mais importante a forma como ele carrega a história do poema em seu percurso. E por fim no capítulo de análise, a discussão será mais aprofundada, pois se faz necessária uma reflexão maior sobre toda a pesquisa, focando assim no objeto do trabalho que é entender, analisar e refletir sobre a leitura do poema O cão sem plumas, sobre o viés da denúncia social explicitada no poema, utilizando o recurso metafórico como meio para a realização de toda a análise. Essa pesquisa se mostra bastante rica e para a realização da mesma, os principais autores utilizados para pensar acerca da metáfora na pesquisa foram: Castro (1948), Cohen (1996), Lefebve (1980).

A divisão deste trabalho é a divisão exigida pela academia e dentro das normas proposta por ela, à pesquisa comporta cinco capítulos, o primeiro capítulo encontra-se delimitado as primeiras palavras descritas nesta introdução, onde explicitamos a motivação que virou desejo por essa temática, apontamos a problemática utilizada no trabalho, juntamente com os objetivos gerais e específicos, bem como toda a estrutura que propomos para os demais capítulos.

No segundo capítulo pretendemos expor como se deu a geração de 45, como o modernismo foi recebido pelos literários, e como todo o impacto causado por esse novo viés de fazer arte afetou a literatura no Brasil, para que assim a compreensão acerca desse processo, que foi a formação da famosa ‘terceira geração modernista’, bem como as características e feitos importantes da época ocorra de forma que venha a ser esclarecedora, esse capítulo se faz necessário para que o contexto histórico em que João Cabral está inserido cronologicamente venha a ser exposto, por haver contradições.

O terceiro capítulo focará no rio Capibaribe, sendo de fundamental importância, pois o mesmo é um dos fatores mais importante dentro da pesquisa, salientando que é através do rio que a história é contada, neste capítulo iremos falar sobre a forma do Capibaribe, juntamente com sua força em ainda se manter vivo, sendo sinônimo de vida, esperança e resistência, mesmo em meio a tanta poluição e descaso, não somente com ele, mas também com aqueles que vivem em sua margem.

O quarto capítulo tratará da análise do poema de forma reflexiva, afinal são muitas as questões que se encontram explícitas no poema que precisam ser discutidas, a degradação do meio ambiente juntamente com o abandono social retratados no poema, são questões que serão palco para a contextualização de toda a análise que se dará neste capítulo.

Por fim temos as considerações finais, último capítulo, onde a pretensão é explicitar de maneira viável o que foi este trabalho de modo geral, apontando quais foram suas contribuições e suas limitações para a produção do mesmo quanto às pesquisas anteriores.

2. GERAÇÃO DE 1945

Ao escolher um poema do autor João Cabral de Melo como recorte para a elaboração desta pesquisa e a *Geração de 45*, na qual, o mesmo está posto, sabíamos que não seria um trajeto fácil, muito menos simples, pois sua poética coloca em evidencia a realidade nua e crua, assim como de fato é. Ele é um autor que se apresenta e que se concilia com "a geração de 1945, à qual cronologicamente pertence, e tampouco se caracteriza como simples continuador do complexo estético e ideológico da poesia de 1922" (NETO, 1920-1999, p. 07).

Em 1922 o Modernismo iniciava no Brasil, um movimento separado por três gerações, a primeira datada entre os anos de 1922-1930, na qual, rompeu com as regras postas pelo Parnasianismo; a segunda entre 1930-1945, essa fase não rompe com os ideais da primeira, ao contrário, continua evidenciando as conquistas estéticas da primeira fase e a última tem início em 1945 e estende-se entre os anos de 1960-1980 e para alguns estudiosos segue até os dias atuais. Esta última fase rompe com ideais postos em 1922, todavia, este trabalho tem um enfoque maior na geração de 1945, isso não significa dizer que deixaremos de expor as outras duas fases, à medida que o trabalho for se desenvolvendo comentaremos suscintamente sobre cada geração.

Como dito, anteriormente, temos como finalidade, um estudo focado na terceira geração, por este motivo, começaremos a explanação com esta fase para termos um melhor entendimento e na sequência trataremos das demais questões. A terceira fase do Modernismo no Brasil é chamado de geração de 45, exatamente por ter sido iniciado no ano de 1945, no entanto, quando se refere ao seu término surge algumas opiniões divergentes, pois alguns autores afirmam que essa geração tem duração até a década de sessenta, outros defendem que é até o ano de oitenta, e muitos creem na ideia que permanece até os dias de hoje.

Ao tratar da geração de 45 é importante mencionarmos que os autores desse período eram bem menos liberais do que os da primeira fase do Modernismo, isto é, a geração de 22. A primeira fase estava concentrada em romper com as regras, já a terceira era composta por autores e artistas inovadores, provocadores e bem mais tradicionalistas. Em síntese, a primeira fase do Modernismo foi muita agitada, com muitas novidades e mudanças, já a geração de 45 foi o momento de calmaria, em que tudo começou a voltar ao "normal".

Por isso, neste trabalho de conclusão de curso, selecionamos como objeto de pesquisa um autor de grande renome e que que possui um ponto de partida cronológico, iniciado durante a terceira fase do Modernismo no Brasil, estamos falando do poeta e escritor João Cabral de Melo Neto – esse que se destacou na geração de 45 por causa da sua controlada rigorosidade estética, ou seja, a preocupação com os elementos usados no texto e também com a forma, além da sentimentalidade do poema, não é vão a fama de “Engenheiro da palavra”.

É válido lembrar que falar da icônica geração de 1945 não é uma tarefa fácil, já que até os autores pertencentes desta fase tiveram alguns impasses para perceber e conceituar a chamada geração de 45. É interessante compreender que, diferentemente da primeira geração que teve manifestos em prol do movimento e, em torno da nova forma de fazer arte, a terceira geração tinha muitas incompatibilidades entre os próprios autores (as), artistas e poetas da época, eles não compactuavam da mesma “empolgação” comparada às gerações anteriores, fato esse que impossibilitou ainda mais uma conceituação específica acerca do movimento.

Em um artigo publicado pela revista Inventário, Wladimir Saldanha dos Santos e a professora Lígia Guimarães Telles, comentaram a desorganização da geração:

> [...] O grupo de 45 não se articulou de forma consensual em torno de “manifesto”- embora também os tenha conhecido; não cultivou uma postura iconoclasta em relação aos poetas que lhe precederam – especialmente ao núcleo imediatamente anterior, que começara a publicar em torno de 1930; não se reconheceu precursor de nenhum outro grupo, não fez “herdeiros” – e isto a despeito de João Cabral de Melo Neto, em mais de uma oportunidade, ter manifestado simpatia em relação aos concretistas; pois também deixou dito num poema que sua poesia era “sem discípula” (SANTOS & TELLES, 2019, p.3).

Como pudemos perceber na citação acima, as divergências entre os envolvidos na terceira geração moderna existia de tal forma que os críticos não permitiram passar despercebido, e logo, foi comentado a respeito, virou também uma das ações mais lembradas ao falar sobre a geração de 45. Essa geração foi marcada por diversas divergências e pluralidades poéticas – aspectos que fizeram todo o diferencial para torná-lo diferente das gerações anteriores.

De toda forma, esta geração contou com o envolvimento de diversos artistas, escritores e poetas que estavam em busca de novas formas literárias, além de inovações por meio das temáticas que organizavam os textos. É importante fazer uma

ressalva quanto a terceira fase do modernismo, porque foi um movimento que incluía tanto a prosa quanto a poesia, sendo que nas duas expressões houveram nomes importantíssimos para a nossa literatura brasileira.

Tendo em vista todo o importante papel da Geração de 45, e, principalmente, toda inovação que veio junto com movimento, estando João Cabral de Melo Neto, como um dos autores mais importantes deste movimento, julgamos inquestionável citar os demais autores e poetas de forma leve e sucinta, já que compartilharam do mesmo momento histórico, cada qual a sua maneira e com suas particularidades. É importante ressaltar também que exibiremos os mais importantes e os mais renomados tanto na prosa quanto na poesia, já que são muitos nomes e acaba por se tornar cansativo citar todos.

O primeiro nome que colocaremos em evidência é do poeta *João Cabral de Melo Neto. É* claro que não poderíamos deixar de citar aquele que ao nosso ver é o mais importante desse período. Melo Neto é conhecido por sua poética completa e rigorosa que vai desde os aspectos surrealistas até a poesia popular, se destacando por seu rigor poético, sendo este um dos principais motivos por ele ser considerado o "Engenheiro das palavras", ele considerava as palavras um elemento bastante importante e que precisava ser lapidada.

Ele é aquele escritor que ao produzir é direto, é nu é cru! Ele é duro. Esses adjetivos ficam evidentes quando ele retrata as temáticas destinadas principalmente ao Nordeste e os sertanejos. Mais do que poesias são denúncias contra as "amálgamas de aspereza e agrura, fome e morte, deslocando-se nesse espaço de terríveis imagens, novas intensidades, quase sempre inauditas fora do campo da linguagem poética" (AMOURY, 2011, p.08).

A segunda pessoa que mencionaremos é a *Clarice Lispector,* uma escritora bastante renomada que marcou o movimento modernista por conta de seu estilo introspectivo e intimista, além disso, quebrou paradigmas, rompeu com os preconceitos e abriu novos cenários para outras mulheres na literatura.

> Essa literatura introspectiva, intimista, se coloca como uma tendência na prosa moderna do Brasil, afastando-se mais do social, do retrato da sociedade em crise, para a crise do próprio indivíduo, sua consciência e inconsciência. O objetivo de Clarice é atingir as regiões mais profundas da mente das personagens para aí sondar os complexos mecanismos psicológicos. E é essa procura que determina as características de seu estilo intimista (OLIVEIRA, 2006, p. 29).

A maioria de suas obras nos mostram diversos questionamentos a respeito do ser e do estar no mundo, isto é, o intimismo, apresentando aos seus leitores o introspectivo, além da contrariedade do eu e o não eu, do ser e não ser. Além disso, é perceptível em seus textos que ela não estava preocupada com o enredo, pois eles não possuem linearidade, ou seja, começo, meio ou fim.

A terceira pessoa que abordaremos é um artista de grande renome nacional e internacional o João Guimarães Rosa, este que fez parte da prosa regionalista e que pôs em cheque os costumes dos sertanejos, além de destacar a fala de seus personagens de maneira bem regional e popular. Em seus textos é possível perceber a presença inovadora da linguagem, bem como, o uso de palavras populares e também do neologismo – a criação de novas palavras a partir de outras já existentes[1].

Por fim, mais não menos importante, mencionaremos o *Ferreira Gullar*, grande poeta engajado na política e socialmente. O mesmo foi preso juntamente com Caetano Veloso e Gilberto Gil, porque passou a lutar contra a Ditadura Militar vigente na época, isso implica dizer que muitas de suas obras foram feitas durante esse momento de opressão que o país vivia.

Como mencionado anteriormente, estes escritores que foram citados são alguns dos muitos que fizeram parte da terceira geração do Modernismo. Não cabe aqui citar todos, pois ficaria um texto cansativo e longo.

Na próxima seção explanaremos as principais características da Geração de 45, já que não apenas este movimento como também os dois passados foi de extrema importância para consolidação da literatura brasileira.

2.1. As características da Geração de 45

A geração de 45 também chamada de literatura contemporânea, é sobretudo um movimento caracterizado como instrumento social, ou seja, é utilizado como forma de criticar e denunciar, além disso, traz em suas composições poéticas a preocupação

[1] Como ele era médico levava uma caderneta para as consultas, cujo intuito era anotar as palavras que os seus pacientes falavam que lhe chamava mais atenção. Então a partir dessas palavras ele criava outras e introduziam em seus textos, dessa forma, as suas obras eram recheadas de palavras novas criadas a partir do dialeto dos sertanejos.

formal dos textos, pois os poetas estavam inquietos e queriam reestabelecer a forma e o belo de acordo com o tempo vivido.

Quando falamos que eles queriam reestabelecer a forma de acordo com o tempo vivido é porque eles sabiam que os tempos haviam mudado, havia um novo contexto histórico, e, consequentemente, uma nova forma de fazer poesia no país, não é à toa que o regionalismo se tornou mais abundante e universal nesta época, evidenciando e reproduzindo os costumes e as pluralidades existentes nas outras regiões, um autor que se destaca nesse aspecto é o já citado Guimaraes Rosa.

Como os poetas passaram a dar enfoque a um regionalismo mais universal, as problemáticas sociais foram ainda mais destacadas nos poemas, então, temáticas como a pobreza, as desigualdades, desempregos e todos os enfoques insensibilizadores das pessoas, principalmente as do Nordeste, foram muito bem reproduzidas pelos poetas, principalmente por Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto.

Os autores dessa geração estavam tão preocupados com as características próprias das poesias que eles retomaram algumas propriedades parnasianas como a preocupação com a estética, versificação, metrificação, a busca da perfeição e reverência a forma, todas essas características faziam parte do Parnasianismo, no entanto, foram reintegradas na fase final do Modernismo. É válido ressaltar que o parnasianismo e o modernismo são movimentos diferentes.

> O rigor pretendido pela Geração de 45 se diferencia do parnasiano, pois não se encontra esgotado ou petrificado, antes, seria, segundo Lins apud Coutinho (2004), uma evolução dentro do próprio modernismo, buscando se adaptar ao gosto estético do novo tempo. Sendo assim, a geração não retomou o pensamento da forma pela forma, mas associou a estética da forma às conquistas da Geração de 1922 (ARAÚJO, 2019, p.34).

Como já citado, os poetas modernistas se apropriaram das características do parnasiano para fazer a sua própria poesia, esses textos poéticos, consequentemente, confiscaram bastante aspectos, tornando-se semelhantes, entretanto é somente uma poesia da terceira geração modernista, por esta razão os poetas de 45 eram também chamados de neoparnasianos.

A Geração de 45 tinha um certo cuidado com o seu fazer poético, pois eles sabiam que naquele contexto histórico o terreno era bem mais denso e que eles precisavam se reinventar, esse moderno jeito de fazer poesia colocava em destaque

textos mais pessoais e intimistas, em que era feito uma viagem pelo o inconsciente priorizando os sentimentos mais íntimos, um dos grandes nomes dessa tendência intimista foi Clarisse Lispector.

Os autores e poetas do movimento de 45 enxergavam que estava acontecendo no Brasil uma nova forma de fazer arte, porém não se reconheciam como percursores de uma geração anterior, no entanto, João Cabral acreditava na evolução da poesia, isso significa dizer que ele era a favor, e aceitava o fato de uma "geração que se consolidasse não teria necessariamente que negar ou contradizer uma preexistente, antes, na visão de Cabral a poesia podia ser feita de continuidades" (ARAÚJO, 2019, p. 33). Ou seja, uma geração podia continuar a outra.

Como já citado a terceira geração é uma fase social e introspectiva, em que os autores abordam temas universais como o amor e a morte de maneira regionalista e introspectiva, ou seja, expondo o psicológico. A maioria dos personagens retratados nessa fase são apresentados de maneira tão intensa que os leitores conseguem saber o que eles estavam pensando. Todos esses aspectos são transmitidos de forma rigorosa e formal – características importantes para os escritores dessa geração.

Um ponto bastante interessante que difere essa geração da primeira é a questão dos versos livres e brancos, em que há uma recuperação/valorização das formas fixas e também o resgate da linguagem padrão, deixando de lado o coloquialismo e a utilização das gírias. Além do mais, eles encaram o fazer poético como um trabalho intelectual, mostrando-nos que essa terceira geração era composta por menos inspiração e mais transpiração, ou seja, é dando um enfoque maior para as produções poéticas.

E por fim, como contínuas vezes foi mencionado, a terceira geração é bem menos emocional e bem mais racional, isso significa dizer que as poesias dessa fase eram menos subjetivas e mais pensadas para serem construídas. E para além disso, eram poesias ditadas pela razão/intelecto e não pela emoção.

As características citadas acima são as que consideramos mais importantes nessa fase do modernismo, no entanto, é imprescindível citar que além dessas propriedades gerais, cada escritor e poeta desfrutavam dos seus próprios atributos, dessa forma, é percebível nas obras dos autores dessa geração algumas singularidades e particulares.

Na próxima seção explanaremos suscintamente a respeito do contexto histórico da época. Acreditamos que abordar o enquadramento histórico desse período é

crucial, porque entendermos que literatura é a expressão do homem no seu período consagrado, então ao nosso ver o contexto histórico afeta diretamente o escritor (a) e consequentemente as suas produções poéticas.

2.2. Contexto histórico

Neste subcapitulo, temos a pretensão de abordar brevemente sem aprofundamentos o contexto histórico da década de 45, que inclusive, foi um dos períodos menos conturbados comparado às outras duas gerações. No entanto, é válido frisar que se faz necessário abordarmos um contexto que foge necessariamente de 1945, mas que é de fundamental importância para compreendermos como a Geração de 45 tornou-se um marco na história da literatura brasileira. Inicialmente explanaremos as três gerações modernistas para entendermos o percurso histórico e o firmamento da terceira fase – a que de fato nos interessa.

A primeira geração modernista é marcada com o início da Semana da Arte Moderna em 1922, como o próprio nome insinua foi um movimento criado por artistas e intelectuais da época com o intuito de apresentar o “novo” – e esse “novo” tinha como objetivo violentar todas as referências artísticas da época. Logo, a poética da primeira geração era marcada e caracterizada pela libertação dos padrões e aspectos formais dos textos, como consequência, os artistas e poetas obtiveram independência maior para produzir. Por esses motivos Coutinho (2004) reconhece essa geração como a “fase da ruptura”

A segunda geração ficou conhecida como a fase da consolidação, com início em 1930 e término em 1945. Essa geração foi marcada pela tomada de poder de Getúlio Vargas. Na literatura, a geração de 1930 teve como papel fundamental a reafirmação do movimento no país, porque muitos achavam que a modernidade e essa nova forma de fazer arte seria algo temporário. Essa fase, surge exatamente para afirmar que o modernismo não era algo passageiro, e sim, um novo estilo que serviria para valorizar ainda mais a autenticidade do movimento, mantendo algumas das características da fase anterior com um olhar mais idealista.

Esta fase de 30 atribuiu o regionalismo como enfoque nas artes, as falas regionais também ganharam espaço nas produções, as reflexões sobre a sociedade se tornaram mais frequentes nas obras, uma postura de escrita mais consciente.

No ano de 1945 iniciava a terceira fase do modernismo, este foi um período em que o mundo estava um pouco mais tranquilo, porque chegava ao fim um dos incidentes mais traumáticos da história – a Segunda Guerra Mundial, não o bastante, chegava ao fim também, o Regime Vargas, isso acarretou em uma renovação na Europa e no Brasil iniciava o processo de socialização.

Como citado, em 1945 estava acontecendo no Brasil a fase de redemocratização tendo em vista que este foi o ano que terminou o Estado Novo – uma ditadura brasileira que se "constituiu em decorrência de uma política de massas que se foi definido no Brasil a partir da Revolução de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder" (CAPELATO, 2007, p. 109). Como é de conhecimento geral, Getúlio Vargas foi um ex-presidente do país que governou em um primeiro momento entre os anos 1930 a 1945, sendo que seu governo foi dividido em três momentos históricos: O Governo Provisório; Governo Constitucional e Estado Novo.

O "Governo Provisório é a denominação do período de 3 de novembro de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência da República e a sua eleição de forma indireta em julho de 1934, resultante da Constituição do mesmo ano" (WICHINHESKI e RAHMEIER, 2015, p.190). O governo de Getúlio neste período Provisório era visto como agitado no que diz respeito ao cenário político do país, o mesmo adotou como medidas o fechamento do Congresso Nacional, o fim dos partidos políticos, além da supressão da Constituinte vigorante.

O segundo momento que é o Governo Constitucional aconteceu em 1932, nessa fase o Governo Vargas ficou sinalizado pela radicalização política, principalmente pelos projetos habitacionais de centralização de poder que por consequência teve o enfraquecimento dos monopólios, em especial, dos paulistas.

O estado de São Paulo insatisfeito com esses atos, revoltou-se contra o poder da República, episódio que ficou afamado por Revolução Constitucionalista de 1932. Vargas, juntamente com o apoio do exército oprimiu essa revolta, no entanto, havia uma pressão para a elaboração de uma constituinte que foi convocada e definida em 1934. Foi por meio dessa nova constituição que Getúlio Vargas foi eleito indiretamente para a presidência.

Essa constituição de 1934 foi considerada extremamente moderna para o nosso país naquela época, porque havia uma série de artigos considerados interessantes, todavia, essa modernização pouco agradava Getúlio, em especial, porque os principais pontos criavam certos mecanismos que procuraram conter o seu

poder, inclusive a proibição do presidente de fechar o Congresso, sendo que este foi um dos primeiros decretos adotados por ele ainda quando assumiu como presidente provisório em 1930, além disso, estava posto que o presidente só poderia governar por quatro anos, sem direito a reeleição. Essa constituição de 1934 foi considerada muito autoritária e logo foi substituída pela Constituição do Estado Novo.

Acredita-se que a partir de 1936 Getúlio Vargas e os grupos que lhe davam estruturas, passaram a tramar para tomar o poder do país. Um dos principais motivos para Vargas conseguir essa centralização do poder aconteceu principalmente por conta do cenário político da época que era de radicalização, na verdade o Brasil vivia um reflexo daquilo que estava acontecendo no mundo, como na América e Europa, em que a política estava se desenvolvendo para um rumo autoritarista.

Por isso, entre o período de 1937 a 1945 o governo de Vargas administrou o Brasil de maneira centralizadora e autoritária, impondo a censura e uma grande propaganda governamental, levando as pessoas acreditarem e a criarem uma imagem positiva do governo através das boas ações feitas durante a sua candidatura.

Vargas criou a constituição de 1937 que foi considerada autoritária, possibilitando que o mesmo governasse o país em estado de guerra, além disso, o permitia comandar o Brasil a partir de decretos-lei, isso implica dizer que todas as decisões tomadas pelo governo nasciam da vontade de Getúlio. Para convencer a massa de que o seu governo era bom o presidente ordenou a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que tinham como função realizar censura da imprensa e também da cultura brasileira, eles eram responsáveis por realizar as propagandas do governo e imobilizar artista e intelectuais em prol do movimento.

> E foi isso que aconteceu com muitos veículos de comunicação da época: jornais, revistas e rádios foram fechados porque iam de encontro com os posicionamentos do governo Vargas, como foi o caso do Jornal O Estado de S. Paulo. Além das instituições comunicadoras do país, a Ditadura getulista também perseguiu outras pessoas comuns da sociedade e intelectuais que não concordavam com o endurecimento do e governo. Aqueles que ousavam se opor ao regime poderiam ser perseguidos e presos, como foi o caso de Graciliano Ramos (1936) e Monteiro Lobato (1941), esta que inclusive fora chamado por Getúlio para fazer parte de seu governo anos antes de ser preso (MACHADO e SILVA, 2010, p. 109-110).

Fica evidente que o governo Vargas buscou incessantemente pela construção da ideia de nação e do homem brasileiro, por isto, ele procurou nas camadas mais

populares o apoio, como é o caso da busca pelos intelectuais brasileiros para a conciliação da modernidade com a tradição. Neste contexto de autoritarismo houve a valorização do modernismo enquanto movimento artístico, que ressaltava o sentimento nacionalista, com isso, as questões sociais passaram a serem vistas como essenciais, já que “o governo adotava uma democracia social em que o Estado se humanizava e integrava-se à vida popular” (Gomes, 1988, p.207).

O movimento moderno foi considerado de crucial importância, tendo em vista que as produções das artes estabeleciam fortes críticas a sociedade, ao mesmo tempo que ficavam mais longe da arte acadêmica, dessa forma, os artistas e escritores produziram suas obras cada vez mais voltadas para o folclore, regionalismo, subjetivismos tornando-se cada vez mais frequentes.

Um outro fato bastante importante foi o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um conflito militar de caráter universal e de estado de guerra que matou mais de 70 milhões de pessoas. Neste período vários acontecimentos impactantes ocorreram como é o caso do Holocausto (sistema de assassinato em massa contra os judeus europeus pelo sistema nazista alemã). Ocorreu também o lançamento de bombas em Hiroshima e Nagasaki.

A terceira fase do modernismo surgiu durante um contexto em que a Guerra Fria vigorou, mais precisamente, entre os anos de 1947 a 1991, tendo duração de longos 44 anos. Como sabemos, os fatos históricos eles não acontecem de forma isolada, por isso, para entendermos o que foi a Guerra Fria é necessário compreendermos o fim da Segunda Guerra Mundial.

Duas grandes potências eram aliadas na guerra – Estados Unidos e União Soviética e foram grandemente fortalecidas, no entanto, eram rivais que disputavam poder – uma era favor do capitalismo a outra do socialismo, com isso, os demais países necessariamente tinham que escolher um lado para ter proteção.

Um outro fato também considerado o pontapé para o início da Guerra Fria foi quando a União Soviética criou suas próprias bombas nucleares em 1949, tudo em decorrência das bombas lançadas pelos Estados Unidos no Japão, precisamente em Hiroshima e Nagasaki em 1945, mostrando todo o seu poder.

O nome Guerra Fria faz alusão ao fato dos Estados Unidos e a União Soviética nunca terem se confrontado diretamente, o que de fato acontecia era uma disputa ideológica, em que os Estados Unidos estavam a todo momento a frente da União

Soviética, e consequentemente a União Soviética tentava mostrar ser melhor. Era uma disputa, uma ação de qualquer uma, desencadeava uma reação e ação na outra.

Ainda nesta disputa de mostrar quem era o melhor, os dois países começaram a produzir arsenais bélicos, cujo objetivo era deixar evidente quem era a maior potência global e também garantir proteção. Essas armas eram fortemente tecnológicas e sofisticadas. Essa produção de armamentos fazia com que o país se sentisse ameaçado investindo ainda mais em objetos para segurança.

Contudo foi nesse cenário conturbado que a geração de 45 vigorou, uma vez continuada, autores dizem que, a terceira geração perdura até os dias atuais. Todavia o contexto histórico é um fator determinante para o cenário da modernização no Brasil, para que assim, não de forma obstante, mais sim presente, fosse possível contextualizar acerca dos acontecimentos da época.

Na seção seguinte iremos dar continuidade ao trabalho focalizando agora em um dos elementos do poema, o rio Capibaribe, nas linhas seguintes, iremos expor, o quão significante é o rio, e dessa forma poder compreender seu papel dentro do poema, e principalmente na realidade explicitada nele.

3. RIO CAPIBARIBE E A POÉTICA AVESSA

João Cabral de Melo Neto é um dos principais poetas brasileiros, que se destacou por desenvolver o seu estilo próprio, dispondo de uma linguagem objetiva e sistemática. Em contraposição aos autores de sua geração de 45, João Cabral deixou de lado a sentimentalidade e adotou uma postura mais crítica, por este motivo os seus poemas são considerados antes de tudo uma queija social, porque ele não economiza nas temáticas que abordam as questões sociais como violência, exclusão, miséria, e todos os aspectos desumanizadores que dizem respeito ao Nordeste.

Em entrevista o poeta falou que compôs o poema *O cão sem plumas* por conta do forte impacto que teve ao ler uma notícia e se deparar com a expectativa de vida dos recifenses, que era de 28 anos, essa realidade despertou a sua vontade, esse desejo era tão grande que mesmo morando fora do país, pôs em destaque todas as peculiaridades do rio Capibaribe em um texto grande, carregado de palavras fortes de sentido, dessa maneira, o Recife e a sua população foram representados através da imagem do rio.

Ao tratar dessas temáticas, o poeta João Cabral utilizou-se de algumas figuras de linguagem que enriquece as suas poesias, entre elas, a metáfora. Achamos interessante expor antecipadamente sobre esse assunto, porque o poema selecionado é construído através de uma metáfora, dessa forma, os leitores dessa pesquisa terão um melhor entendimento se seguirmos essa estrutura, ou seja, explicarmos antes de começar a análise do poema.

O cão sem plumas foi o poema que apuramos, o próprio título já nos leva a refletir sobre a alegoria de que um cão não tem plumas, e, sim, pêlos, e, para além disso, o cão representa o rio Capibaribe, este que é desprezado, sujo, possui águas poluídas, não há vida, é como se fosse um animal – cachorro abandonado, desprezado, sem esperança de melhorias, essas comparações é o que chamamos de metáfora.

> A metáfora é uma figura de linguagem que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um tranço característico de A e o atributo predominante, atributo por excelência, de B, feita a exclusão de outros secundários por não convenientes à caracterização do termo próprio A (Garcia, 1985, p.85).

Como cita Garcia, a metáfora é uma figura de linguagem que fornece significados fazendo uso da comparação, esse recurso estilístico é usado com o intuito de tornar os textos mais persuasivos. A assimilação do sentido do cão sem plumas, por exemplo, deixa o texto bem mais instigante, neste caso, como já citado, o cão triste observando todo o desastre ao seu redor, sem saber o porquê de tanto desprezo, simboliza tanto o rio, como também os seus ribeirinhos, que não tem oportunidade nenhuma de mudanças.

O título e o corpo poético, nos leva a analisar por três perspectivas: a miscigenação do cão, do homem e do rio. O cão sem plumas, é, portanto, uma alusão ao rio que é descrito com inútil e infértil, ou seja, não há vida, não há reprodução, é, um ambiente de perecimento. Para além disso, representa o homem que vive às margens da sociedade, carregando uma vida sofrida, cheia de miséria, dificuldade e sem nenhuma oportunidade de melhoria, por fim, o cão sem plumas é o espelho do rio e das pessoas que não possuem adornos, isso é, vivem com o mínimo para sobreviver, neste caso, quase nada.

O rio e os ribeirinhos são tratados e vistos como se fossem realmente um cachorro abandonado, no qual, ninguém cuida, protege, embeleza, e proporciona afeto. Essas comparações só foram possíveis por conta da metáfora. Nas seções seguintes discutiremos com mais ênfase esse assunto, abordando principalmente essa condição de miséria imposta para os homens que é tão presente na representação da arte, em O cão sem plumas.

3.1 Capibaribe, forma e força

Ora o rio lembrava
a língua mansa e um cão,
ora o ventre triste de um cão.

(João Cabral)

A poética Cabralina na maior parte das vezes é voltada para aspectos regionais e de cunho social, tal qual a cultura nordestina também foi palco de inspiração para João Cabral, o mesmo em suas obras vem ressaltando também características

ambientais como a vegetação, rios, mares e canaviais, além de nos apresentar as estruturas arquitetônicas como os casarões antigos de algumas cidades históricas dessa região – como é o caso de Recife e Olinda. Esses enfoques são muito bem explorados no poema *O cão sem plumas*, datado em 1950, nele, João Cabral expõe sua inquietação para com a realidade exposta no poema.

Por ser conhecido por fazer uma denúncia acerca da condição humana, O cão sem plumas é uma obra de grande impacto, pois além de exibir o descaso das classes, também mostra o quanto a natureza sofre, o quanto ela é resistente e mesmo com suas feridas, causadas a partir da grande poluição em massa que vem sofrendo, ainda consegue ser morada e alimento para os menos favorecidos, é nessa condição que o rio Capibaribe vem trazendo a história em suas águas.

O rio que é a própria história contada, ele vem de sua nascente lá do agreste, mais precisamente na Serra do jacarará[2], porém em regimes de seca ele se apresenta em situação de polígono das secas, onde o mesmo se exibe em regime temporário. Dividido em alto, médio e baixo Capibaribe, o rio percorre desde o agreste, como também a zona da mata e a região metropolitana, o rio tem aproximadamente 240 quilômetros de percurso.

Sua bacia hidrográfica localiza-se totalmente dentro do estado de Pernambuco. O rio Capibaribe em seu percurso recebe água de bacias hidrográficas secundárias de rios como o Beberibe, Botafogo, Pirapama, Jaboatão e Igarassu que desaguam no mar. O mesmo tem aproximadamente cerca de 72 afluentes e banha 42 municípios de Pernambuco, possui três travessias, uma no bairro do Apipucos, outra em Skilab II – Poço da panela e a terceira em Jaqueira, tem várias pontes e em algumas, e em outros pontos estratégicos, tem fixadas algumas esculturas de poetas e artista regionais de Pernambuco, entre eles uma estátua de João Cabral de Melo Neto. Seu nome Capibaribe, Capibara-ybe vem da linguagem tupi e significa “Rio das Capivaras” ou “porcos selvagens”.

O rio foi um fator geográfico de extrema importância, se tornando decisivo na história de Pernambuco e do Nordeste brasileiro, todavia foi em suas margens que

[2] Município de poção, divisa com o município de Jataúba, em uma comunidade chamada Araçá, sua altitude é de 1.100 metros e sua bacia hidrográfica compreende uma área de 7.716 quilômetros quadrados, o que equivale a 7,85% da área de Pernambuco. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Capibaribe.

inundavam em períodos de cheia, que se produziram os primeiros engenhos de cana de açúcar, pois seu solo úmido era deveras propício e rico em fertilidade para a plantação da cana. Dessa forma sendo importante também para a economia da região e para a estruturação da cidade. Também é importante para os agricultores do agreste e sertão, pois seu curso serviu de acesso, e assim puderam desenvolver negócios.

Contudo no momento o Capibaribe se encontra bastante poluído, pois nele há dejetos de esgotos urbanos e industriais, vale salientar também que nem sempre o rio foi dessa forma, porem o descaso dos governantes perante a situação do Capibaribe é assustador, a forma como a urbanização prossegue ignorando o rio, só evidencia que a intenção de inclui-lo na paisagem não é uma opção, em todo o país o descaso com rios é enorme, e os mesmos acabam por sofrer nesse processo de crescimento urbano, vejamos a seguir pelas palavras de Almeida (2010):

> Com o intenso incremento e a densidade da população urbana, e uma expansão rápida e não planejada das cidades, ocorreu ao mesmo tempo um aumento significativo da quantidade e esgotos industriais e domésticos, produzidos e lançados nos rios. A expansão do uso do vaso sanitário também foi um dos fatores, por mais um paradoxal que pareça, que intensificou o lançamento de esgotos nos mananciais urbanos, em função da ausência, até então, de sistemas de tratamentos de esgotos (ALMEIDA, 2010, p. 79).

Desse modo pode-se observar que a quantidade de lixo e esgotos despejados dentro dos rios de fato é prejudicial. Como retrata o próprio Capibaribe, os danos sofridos já são perceptíveis a olho nu, essa convivência acaba por se tornar conflituosa com as paisagens naturais, que por fim sofrem com essa intensa degradação, que parte em grande escala dessa urbanização e descaso da sociedade.

As margens dos rios são consideradas pela legislação ambiental brasileira como áreas de preservação ambiental, porém o que se vê é que são habitadas em massa pelas populações mais pobres e carentes. Essa visão sobre a relação contraditória entre a sociedade e o rio é mais comum em países subdesenvolvidos como o Brasil (ALMEIDA, 2012).

Assim como no poema que retrata a partir de comparações o rio como um cachorro, um rio como a vida, como a história, é possível observar que a distinção das classes é algo da própria sociedade, logo imposta por quem tem maior poder aquisitivo, e essa classe escolheu virar as costas para o rio e seus sobreviventes. E

dessa forma João Cabral escolheu retratar sobre os olhos de um cão toda a passagem do rio que conta a história do poema.

Como observamos as margens do Capibaribe, em seu cenário atual, de ocupação de moradias em risco e lugar de despejos de lixos, nota-se que não há preocupação alguma ou interesse em ações que possam contribuir com a sua recuperação, qualidade de vida, e segurança para a população. Dessa forma percebe-se o quanto o descaso para com o rio torna a situação mais precária ainda.

Todavia mesmo com tudo que foi exposto anteriormente, sobre os maus tratos que o rio vem sofrendo, o mesmo não deixou de ser sinônimo de vida, de resistência por onde passa e banha, ele ainda está ali, vivo dentro de todos que tentam fazer parte de movimentos para despoluir o rio, como o movimento Recapibaribe[3]. Dessa forma o que se pode observar é que o rio é vida e história, é natureza e pluralidade, embora esquecido e ignorado.

3.2. IMAGEM DESPLUMADA

Nesta seção iremos tratar das imagens que o Capibaribe exprime no poema O cão sem plumas, de modo a focar nas revelações das imagens em torno da história carrega pelo rio em seu percurso, e desse modo reforçar o quanto o texto reflete a vida do homem.

Por fazer parte do ambiente em que ele mesmo descreveu, João Cabral "desvela sentidos de realidade da carga vivida pelo homem do Sertão" (NETO, 2020, p.76), é uma construção de imagens sobrepostas, uma sobre a outra, é a partir dessas imagens que se é possível compreender as situações postas pelo poeta. Sua poética consegue fazer com que os leitores criem uma série de imagens simbólicas que despertam o ilusório, porque as organizações dos seus textos na grande maioria são estruturadas de forma dinâmica, facilitando tanto a leitura, como também, a construção de percepções mentais.

É importante tratarmos da construção imagética, porque o poema escolhido como nosso objeto de estudo – *O cão sem plumas*, nos revela a imagem de um rio,

[3] Movimento em prol da recuperação do rio Capibaribe por meio de realização de conscientização da população e retirada do lixo, localizado no único ponto turístico ambiental: Capibar. Disponível em: https://recapibaribe.wordpress.com/o-rio-capibaribe/.

mas especificadamente, o rio Capibaribe. Nesse texto poético é possível através das palavras selecionadas e da organização textual, criar imagens que remetem a travessia do rio entre sua nascente até a capital Recife.

A representação do rio, neste poema, como já citamos anteriormente se constitui como uma metáfora, em que o rio simboliza a vida dos que vivem ali, na margem da sociedade, esquecidos e postos de lado. A representação do rio sujo e de suas aguas poluídas, fazem alusão a difícil realidade do homem, é como se fosse um espelho que mostra a triste realidade de um espaço e de pessoas rodeadas por muita miséria, como observamos na citação abaixo:

> A condição de miserabilidade de seres, como aqueles que vão aparecer mais tarde, em Morte e vida Severina, gente marginalizada, Cães sem plumas, homens-caranguejos, anfíbios que tentam sobreviver da lama do rio e à margem da sociedade que o destrói (AMOURY, 2011, p 12).

Como percebemos na citação de Amoury, *O cão sem plumas*, mostra a realidade daquelas pessoas que vivem as margens da sociedade. Uma gente desprovida de tudo aquilo que a coletividade preza – beleza física, educação, dinheiro, donos de uma lamentosa existência, carregada de dificuldades, sofrimentos e de pouca chance de mudança, como explica Neto (2020).

> Há poucas possibilidades de crescimento na vida nas descrições das vidas dos ribeirinhos do Capibaribe, essas pessoas que vivem dos siris que apanham, se mesclam com o barro, com a lama e são assistidos das janelas dos casarões daqueles moradores de costas para o rio (Neto, 2020, p. 78)

Todas essas particularidades são apresentadas a partir dos versos carregados de expressividades que nos geram imagens não idealizadas, mas que são reais e que já são comuns nas obras de Joao Cabral de Melo Neto, como o rio, a lama, o despejo – lixo compartilhado com as pessoas que moram e frequentam a beira do rio, nessa perspectiva, é passado a ideia para os leitores, de que os ribeirinhos são excluídos e não possuem valor algum.

O que se pode observar é que a obra “O cão sem plumas”, é um poema centrado em apresentar essa difícil realidade dessa população esquecida, entretanto, essa representação vai acontecer por meio das águas do rio Capibaribe que é associada a um cachorro desprezado e sem cuidados. Por esta razão o título do

poema foi nomeado “O cão sem plumas”, uma metáfora usada para simbolizar que o rio é desprezado, assim como um cão abandonado.

Essa vinculação do rio com o cão sem plumas é feita também com o homem, de modo a demostrar a calamidade do povo que vive as margens da sociedade – ribeirinhos que sofrem constantemente com o descaso. Isto posto, percebemos que João Cabral de Melo Neto aborda em suas obras a questão da temática social, um dos principais pontos que faz com que a proximidade com a realidade, e o leitor se torne mais íntima, e desse modo desperte uma compreensão mais rica em torno da obra.

O rio Capibaribe vai sendo visto como inútil, improdutivo, assim como os ribeirinhos que vivem em seus extremos amargurados, infelizes, marcados pelo ambiente asqueroso do rio, que de certa forma interfere nos sentimentos dos ribeirinhos, porque viver em um lugar degradante afeta diretamente em sua existência. Neste caso, o rio é visto não como um lugar de vida, mais de necessidade, necessidade de atenção e cuidados, assim como os homens que vivem as margens do rio e não possuem perspectiva alguma, vivem jogados.

Neste sentindo temos a representação do rio como a demonstração da vida, da vida miserável daqueles homens, contudo a fragilidade do homem vem sendo desvelada na medida em que o rio vai se despindo, “Ali se perdem/ como um espelho não se quebra/ ali se perdem/ como se perde a água derramada/ sem o dente seco/ com quem de repente/ num homem se rompe/ o fio de homem” (Melo Neto, 2020, p. 106). O que se observa é, que toda independência do ser humano dá lugar a uma dependência em relação ao rio, pois é onde o mesmo tira o seu sustento, é onde sobrevive, e de certa forma é com o mesmo que se tem uma identificação.

A relação entre o homem e o meio, demostra uma relação de resistência, sendo nobre e dolorosa ao mesmo tempo, pois diante de tudo que vem ocorrendo, admite uma união e um aprendizado em meio a toda essa luta. Todavia os dois seguem juntos em sua caminhada, os dois sofrem juntos com toda a poluição e o descaso das autoridades, como se observa a seguir: “Na paisagem do rio/ difícil é saber/ onde começa o rio/ onde começa a lama/ começa do rio/ começa da lama/ onde o homem/ onde a pele/ começa da lama/ onde começa o homem/ naquele homem” (Melo Neto, 2020, p. 106).

Nesse contexto a reflexão se vira para o homem, que seria o causador de tamanha dor, o transformador da paisagem, se encontra agora sofrendo junto com o

rio. A dor e o sofrimento unem o homem ao rio, onde o mesmo aprende a lutar, as lutas entre o rio e a sujeira nele derramada, e o ser humano luta pela dificuldade, enquanto o homem ribeirinho vivendo naquela situação em condições indignas, onde se encontra atolado. Todas essas situações contribuíram de modo a criar um novo olhar, mesmo que forçadamente pelas circunstâncias implicadas.

Desse modo o que se pode refletir é que tudo mudou durante o percurso do rio, incluindo os pensamentos humanos, conforme o eu lírico mergulhou na situação degradante e angustiante do Capibaribe. Assim sendo o rio que a princípio era apenas uma paisagem, vai se transformando na medida em que carrega a história, se tornando mais importante ainda ao mostrar ao homem o quanto ele é frágil diante dessa condição miserável, que o impende de tomar uma posição acerca do seu sofrimento. Por tudo isso o Capibaribe se tornou lugar de reflexão.

Dessa forma, tais abordagens acerca do rio e do homem foram necessárias para que a reflexão acerca do que o rio e suas nuances expostas por João Cabral, tenham um papel fundamentalmente importante para o contexto da obra O cão sem plumas, e o reconhecimento da realidade que o mesmo exprime, dando ao eu lírico a oportunidade de perceber a paisagem não como morta, mas sim como sinônimo de vida e esperança.

Tendo em vista tudo que foi exposto até aqui, no próximo capítulo o de análise, aprofundaremos as discussões dando enfoque total a análise do poema O cão sem plumas. A linguagem neste trabalho de conclusão de curso é um dos principais elementos, pois utiliza-se da metáfora, como já citamos, uma linguagem adversa, mas que torna o texto mais atraente e instigante.

4. A DENÚNCIA E O PERCURSO POÉTICO EM O CÃO SEM PLUMAS

Neste capítulo iremos analisar o poema O cão sem plumas, com o intuito de elucidar a forma como o sertanejo é descrito e tratado no poema, levando em conta a condição social e todo o contexto que é descrito como o percurso do rio, que nos convida a refletir não só sobre a vida, mas também, sobre a condição humana e histórica.

Compreendemos que o poema pode ser lido e entendido de diversas formas, pois o mesmo proporciona uma experiência em torno dos nossos sentidos. *O cão sem plumas* não é apenas um monte de palavras agrupadas para serem lidas e causar emoção, o processo de compreensão vai além das palavras o que nos leva a pensar sobre o sentindo de cada uma, sendo, portanto, uma leitura um pouco mais complexa. Sobretudo, pode-se dizer que tudo está posto no corpo poético sem muito enfeites, pois o autor nos convida a fazer parte de uma realidade triste – de pessoas que vivem à margem do rio - gente marginalizadas, carentes, pobres de condição social e econômica que está atrelado diretamente com a miséria.

Todavia o que mais nos chamou atenção é justamente a forma como a condição humana é tratada no texto, a crítica sobre a sociedade que é feita no poema e algo necessário para a compreensão do contexto do poema, e mais ainda, da análise, pois é sobre esta perspectiva que iremos dar continuidade ao trabalho proposto.

Quando mencionam o rio, percebemos que a água funciona como meio de transporte para com o poema, pois nela a história é carregada e movida durante todo o percurso, difícil é saber diferenciar, pois há momentos que o rio se confunde com o homem, ora é rio, ora é homem, o que se sabe é sobre o sofrimento que ambos sofrem com o processo de urbanização, e só através da linguagem que o poema utiliza é que conseguimos olhar para a realidade explicitada nele.

No poema o rio também é visto como imagens que causam estranhamento, pois as palavras não comprovam nada sozinhas, é todo um conjunto de elementos para chegar em alguma compreensão, nada mais é que a poética Cabralina, é exatamente esse tipo de sentimento que Melo Neto nos desperta, é dessa forma que desperta o interesse para reflexão acerca do poema, a denúncia social é o que de fato conta a história no poema *O cão sem plumas,* o seu percurso é a vida, e é nessa vida desprovida de recursos e em degradação que o homem “sobrevive”.

4.1. A simbiose homem caranguejo

Neste subcapítulo pretendemos explicitar a forma como o homem, o rio, e a lama se entrelaçam, de forma tão intensa a ponto de causar efeito de espanto para quem o lê, desse modo o título da seção referida nada mais é, que resultado dessa causa de efeito.

Funciona justamente como o sentindo da metáfora, ora comparados o homem ao caranguejo, aqueles indivíduos que vivem à margem do rio, sobrevivendo a exclusão social em situação de carência, tirando do rio, sujo, lamacento e cheio de detritos, como descrito no poema, o seu sustento de cada dia.

Falaremos nessa seção sobre a perspectiva do autor Josué de Castro, utilizando sua obra Homens e caranguejo, onde o mesmo trata sobre a realidade em que vivia o homem, o rio/mangue e seu ecossistema incluindo os seres vivos que viviam do Capibaribe.

Focaremos na atenção que Castro dá ao se referir ao mangue como lugar dos excluídos sociais, levando em conta que “o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes em que se divide a sociedade urbana”. (Santos, 1987, p.83) os mangues do recife sob o olhar exclusivo da capital e seus julgamentos, serviu de casa para uma grande população de pessoas, que foram expulsos pelo latifúndio e pela triste realidade das secas.

> ... assim vai o Recife crescendo como uma grande população marginal que vegeta nos seus mangues em habitações miseráveis do tipo dos mocambos. É que o Recife a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também, a cidade dos mocambos das choças, dos casebres de barro batido a sopapo com telhados de capim, de palha e de folha-de-flandres. Além dos que imigravam da zona do açúcar, por motivos vários, deve-se acrescentar os que desciam expulsos pelas secas do outro Nordeste, o do sertão semiárido... (CASTRO, 1948, pp. 73-4).

A partir desta reflexão nas palavras de Castro, percebemos o quão realista é a exclusão social, miséria e carência, de um povo que estava à beira da calamidade humana, numa perspectiva jamais otimista, pelo contrário, a expectativa de melhora para essa população era quase que nula.

A imagem do mangue era tão desprovida de beleza, que Josué quando criança chegou a pensar que o mangue era um monstro, com tentáculos, que prendia pessoas que nasciam e cresciam ali, homens e caranguejo, misturados a lama, atolados aquela

agua cheia de detritos, o emaranhado de galhos e raízes realmente os tinha tomados para si, como um polvo que colocava os tentáculos por toda a cavidade do corpo humano, pelos olhos, boca e ouvidos.

> E, assim ficavam todos eles, afogados no mangue, agarrados pelas ventosas os com as quais os mangues insaciáveis lhe sugavam todo o suco da sua carne, e da sua alma de escravos, com uma força estranha, os mangues iam, assim, se apoderando a vida de toda aquela gente, numa posse lenta, tenaz, definitiva. Estas estranhas plantas que, em eras geológicas passadas, se tinham apoderado de toda essa área da terra [] esta fossa pantanosa onde hoje assenta a cidade do Recife [] estendia agora também a sua posse também aos seus habitantes. E tudo nesta região passava a pertencer ao mangue conquistador e dominador: tanto a terra como o homem (Castro, 1967, p. 13-4).

Não se sabe mais o que é homem ou caranguejo, ser humano ou lama, a relação entre o indivíduo e a natureza neste sentindo, proposto por Castro nos deixa boquiabertos, convidados a refletir não somente sobre essa história, mas sim de todas as histórias existentes, aquelas que nos conta e nos mostra de outras formas nos mapas.

As relações econômicas e sociais são as principais causas de toda essa situação, estabelecidas pelo homem com o intuito já de jogar para debaixo do tapete, toda aquela “sujeira”, fome, vulnerabilidade e miséria, mantidas como um estilo de vida para os menos favorecidos.

A questão simbiótica é justamente essa, existir uma relação tão íntima como a descrita anteriormente entre o homem, o mangue, a lama e o caranguejo, definida como uma associação a longo prazo entre dois organismos, neste caso a natureza (mesmo que degradada) e o homem (mesmo que a relação seja por imposição), pois é uma realidade que não teve opção de escolha, apenas imposta. Portanto ao tentar distinguir haverá sempre essa conotação íntima entre o rio e o homem.

Essa relação entre homem e rio/mangue foi descrita de forma tão intensa, que ao ler sobre, pelas palavras de Josué de Castro, faz com que a reflexão acerca dessa comparação entre seres naturais que é o homem e o caranguejo seja fundamental na compreensão da obra de João Cabral, obra esta que é a base desta pesquisa, onde as condições sub-humanas retratadas pelas linhas do poema só aumenta ainda mais o valor que essa obra tem para a educação da sociedade.

Com a atenção voltada para as condições sociais e econômicas exibidas no poema, uma famosa bailarina e coreógrafa chamada Deborah Colker sentiu-se atraída pela história que os versos do poema encarnam, e desse modo, decidiu montar um espetáculo no que mais lhe chamou atenção, o espetáculo fala sobre um Brasil maltratado, o mesmo foi estreado em 2014, o meio literário não era estranho à coreografa, mas a poesia era de todo uma novidade.

Deborah com parte do roteiro pronto para a realização do espetáculo resolveu viajar com a companhia para Recife, mais precisamente para a nascente do Capibaribe, a mesma queria de fato encarnar o poema em seu espetáculo de forma natural, a intenção era fazer com que fosse o mais real possível, os bailarinos se moviam interagindo com as paisagens e os habitantes enquanto o percurso do rio era filmado.

A coreógrafa queria imagens que demonstrasse um pouco do que o poema prega, logo conseguiu cenas que pontuam todo o espetáculo, foram 23 dias filmando, para que o espetáculo realmente tivesse vida e história exalando por ele, da forma mais completa possível, durante toda a estadia em recife todos os envolvidos no espetáculo participaram de oficinas de eventos com artistas locais em busca de referências, essas experiências fizeram toda a diferença.

As músicas que tocam durante o espetáculo são todas de ritmos pernambucanos, que tornam a experiência ainda mais rica, o palco, a lama e o caranguejo em movimento, são elementos das cenas extraídas do poema, transformou a metáfora utilizada no poema em espetáculo, assim como Josué que enxergou a metáfora entre a relação homem caranguejo, Deborah levou essa representação para os palcos do teatro, trazendo ainda mais visibilidade a história que o poema conta.

As imagens do espetáculo são imprescindíveis para apresentação, e o quão realista ficou a demonstração da obra a partir delas, riquíssima em detalhes, fez com que a metáfora que foi um instrumento de trabalho durante a coreografia, propusesse uma viagem acerca da história do poema, da mesma forma que o rio começa pequeno, vai crescendo, mudando e junto com seu percurso contando uma história que sem sombra de dúvidas deve ser lida e exposta. As imagens do espetáculo, diz muito sobre o poema, o homem e a sociedade, desse modo selecionamos algumas das imagens do espetáculo que estão contidas no anexo A deste trabalho.

4.2. Discurso metaforizado

Nesta seção iremos expor o poema de modo que possamos utilizar a figura de linguagem metáfora para analisa-lo, reforçando que o que levaremos em consideração será o foco e o contexto na construção do poema, logo João Cabral faz com que a cada frase e palavra lida, seja uma reflexão acerca das situações encarnadas no texto do poema O cão sem plumas, e é através da metáfora tão bem apresentada que iremos analisar o texto.

> (...) quando o poeta cria a metáfora original, o que ele inventa são os termos, não a relação: encarna uma forma antiga numa substância nova. (...), a figura de invenção não é original na forma, mas apenas nos termos novos que o gênio do poeta soube encarná-la (COHEN, 1996, p.41).

Segundo Cohen, o estudo da metáfora vem de bastante tempo atrás, onde ocupa lugar de importância no fazer poético, neste caso a imaginação juntamente com a inteligência e vivencia do autor, é o que de fato predomina, e o fazer poético de João Cabral, além de nos chamar atenção para a vida, nos faz questionar a capacidade crítica da sociedade, ao retratar sobre condições sub humanas e precárias a vivência de pessoas esquecidas pela sociedade.

O poema O cão sem plumas não é a obra mais conhecida de João Cabral, mas sem sombra de dúvidas é uma obra que ainda não foi suficientemente lida e contrastada sob diversos viés, é um poema riquíssimo em características e detalhes, de imagens sobreposta, instigando o leitor a ir além das palavras descritas.

O poema compreendido entre 1949-1950 marca a entrada de Pernambuco nas obras de João Cabral, a obra formada por quatro partes, as duas primeiras com o mesmo título: “Paisagem do Capibaribe”; a terceira nomeada como “Fábula do Capibaribe” e a última, Discurso do Capibaribe”, a primeira parte é constituída por 15 cenas, a segunda por 13, a terceira por 14 e a última parte é composta por 9 cenas.

Na primeira parte do poema, João Cabral já mostra a composição de seu poema, com uma mistura de coisas e objetos, intricando em uma comparação metafórica.

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta

por uma espada.
(Melo Neto, 2020, p.101)

Observa-se que há uma comparação cruel de Cabral, da mesma forma que os cães passam pela rua, aqueles cães sem dono, sujos e invisíveis aos olhos da sociedade, parecida é a forma como o rio também é visto, o mesmo que passa pela cidade sendo ignorado, faz seu percurso calmo e despercebido, é nessa calmaria que a maçã é cortada.

É nesse entrelaçamento de características animadas como; cachorro e rio que simbolizam o movimento, e as inanimadas como; cidade, fruta e espada, que entraves da visão, entre ambas as partes, nota-se que, o rio e o cão estão em ambos cenários, todavia, pode-se dizer que o rio é igual ao cachorro.

Essa primeira parte do poema o rio é descrito da forma que os olhos veem, sujo, lamacento que já não se sabe como é o frescor das aguas límpidas, dos peixes vivos, recém-pescados, só se sabe da pobreza humana que é estampada em sua paisagem, os que vivem à margem do rio, o homem cansado dessa luta pela sobrevivência, atrás pelos restos da sociedade rica, que se revela como destruidora do rio. Ainda sobre o olhar de Eliane Lordello (Revista Vitruvisis, 2013), “Em seu desenvolvimento pela cidade, o rio assume ares de mansidão, abrindo-se em formas curvas como as de um ventre, ou em poças sujas, lembrando a tristeza de um olhar marejado de um cão”, ou de um homem sem esperanças de dias melhores.

Nessa mesma linha de pensamento que é a comparação entre o rio e o cão, João Cabral, descreve, caracterizando o movimento do Capibaribe.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de asqueroso pano sujo
dos olhos de um cão.
(Melo Neto, 2020, p.101)

O rio descrito como um cão, as vezes ele arrasta o próprio cão no seu trajeto, ainda que comparado a uma cobra, no momento em que se torna mais denso e morno. Nessa segunda parte da Paisagem do Capibaribe l, tudo se mistura, o rio com a paisagem humana, o rio como reflexo daquilo que o cerca, que está em volta dele, um rio triste comparado a tristeza do homem que contrapõe com a riqueza daqueles que

tem o poder, o rio escorrendo sua lama, vai percebendo a grande diferença e revelando aos leitores as divergências, entre o pobre e o rico, o vasto e a miséria, os que desfrutam e vivem nos palácios e os que são verdadeiramente cães desplumados. O rio também sabe seu valor para aqueles que necessitam e vivem dele, mais necessariamente os homens que mesmo desprezados pela sociedade necessitam de sustento para suas famílias em condição de carência.

Na Paisagem do Capibaribe II retoma a imagem do início do poema, porém mais voltado para o homem, os ribeirinhos, as casas, e a lama. O rio se mistura com toda a paisagem humana de modo que venha a confundir, não se sabe mais o que é lama ou gente.

> Entre a paisagem
> O rio fluía
> como uma espada de líquido espesso.
> como um cão humilde e espesso.
>
> Entre a paisagem
> (fluía)
> de homens plantados na lama;
> de casas de lama
> plantadas em ilhas
> coaguladas na lama;
> paisagem de anfíbios
> de lama e lama.
> (Melo Neto, 2020, p.104)

O que se percebe é que nessa parte do poema, se vê o homem mais conectado ao rio de forma entrelaçada. A representação da lama, muitas das vezes se confunde com a trajetória de vida do homem e das pessoas que viviam ali. A paisagem do Capibaribe II, nos mostra um homem mais maduro do que na paisagem anterior, está agora estruturada pela miséria, lodo e lama. A comparação entre os homens com os anfíbios que vivem e sobrevivem da lama é algo estarrecedor, descrito dentro do poema.

O rio Capibaribe seguindo seu percurso, ele não encontra a água de cântaro, cristalina, a água do copo de água, não encontra também o canto dos pássaros e nem o vento refrescante que vem das árvores. Contudo na terceira parte do poema intitulada “Fábula do Capibaribe”, nos deparamos com o encontro do rio com o mar,

que a princípio se dá de forma acanhada, medrosa e sofrida, pois o rio se mostra aflito para se lançar ao mar, aquele mesmo mar que desbrava, que tem força que é inquieto.

(...)
O rio teme aquele mar
como um cachorro
teme uma porta entretanto aberta,
como um mendigo,
a igreja aparentemente aberta.

Primeiro,
o mar devolve o rio.
Fecha mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo o que no rio
São flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.
(Melo Neto, 2020, p.108-109)

Mas é o mar que despreza o rio, mesmo que o rio durante seu percurso tenha se fortalecido quando se encontrou com outros rios e pântanos, exposto em versos anteriormente não é o suficiente para a sua luta com o mar

Depois,
o mar invade o rio.
Quer
o mar destruir no rio
suas flores de terra inchada,
tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha
uma fruta.
(Melo Neto, 2020, p.109)

A imagem da fruta é uma comparação com a cana de açúcar, que era de poder das famílias latifundiárias, com grandes máquinas que eram a tecnologia da época nesse meio, fabricando para enriquecer ainda mais as famílias ricas, e se distanciando das classes sociais necessitadas.

Na quarta e última parte do poema, intitulada “Discurso do Capibaribe”, entende-se que o rio tem sua própria história, e dessa forma é dada a ele o poder de falar de si e por si. Porém é o mesmo eu lírico que fala que continua falando do rio, pois o mesmo está impregnado nele e mora em sua memória.

Aquele rio está na memória
Como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo a camisa,
da pele.
(Melo Neto, 2020, p.110)

Nesta parte o que observamos é que o fio condutor é a vida, o rio conta, mesmo que poluído, cheio de detritos, lamacento e mau cheiroso, carrega o dom de irrigar a terra e fazer germinar vida. Apesar de toda a poluição, sua água é importante para produzir vida naquele local, e de modo que “Viver/ é ir entre o que vive” (Melo Neto, 2020, p.111).

O rio em seu percurso vai observando e destacando, a fome, a pobreza, as contradições, a vida e também a morte, uns com tanto, outros com tão pouco, as diferenças e os conflitos entre os meios sociais são próprios da vida dos que vivem dessa forma. É como João Cabral descreve “como uma ave/que vai cada segundo/conquistando seu voo” (Melo Neto, 2020, p.113). E é por uma sucessão de imagens comparativas que Cabral termina o Discurso.

Por que é muito mais espessa
A vida que se desdobra
Em mais vida.
Como uma fruta
É mais espessa
Que sua flor;
Como a árvore
É mais espessa
Que sua semente;
Como a flor
É mais espessa
Que sua árvore,
Etc. etc.

Espesso,
por que é mais espessa
a vida que sua luta
cada dia,
o dia que se adquire

cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu voo).
(Melo Neto, 2020, p. 112/113)

Ao pensar nos versos do poema e na história que aquelas palavras carregam, o jogo do que é real e imaginário desperta diversas noções acerca não só do cão que é uma representação do homem, como também da vida, do meio social e da história, quando no poema buscamos o que de fato é o cão sem plumas, nos deparamos com diversos significados, um cão que é de origem animal, mas dentro do contexto do poema ele se resume a bem mais que isso.

O cão representa o homem, e a forma como ele é descrito e retratado no poema é exatamente a forma como o homem pobre é tratado naquele meio, como desprovido de riqueza, marcado pela miséria, vivendo à margem do resto da sociedade, sendo ignorado e desprezado, mas também fiel, algo que já é do instinto canino.

Todavia o cão sem plumas como é o título do poema, já vem pronto para a própria metáfora, logo plumas, quando pensamos em plumas lembramos das aves, do que é fofo e macio, no poema as plumas apontam também para o sentindo de ausência, exclusão, humanidade, pobreza. Dessa forma o título do poema nada mais é do uma imagem metafórica, feita para simbolizar o homem desprovido perante a sociedade, onde a mesma usa para calar a realidade.

As metáforas juntamente com as imagens constituem um conjunto de recursos para eu poético dentro da poesia. Para tanto Lefebve diz que, a linguagem literária é formada pela composição das palavras, demarcada por desvios desestruturando, desse modo, as regras pertencentes ao código ordinário da linguagem comum.

> A desestruturação quando certas regras do código ordinário são violadas: como a inversão em casos que não é ordinariamente admitida. Ou de estruturação, quando novas estruturas, que não contradizem as regras usuais, venha acrescentar-se no discurso: como a repetição ou as formas prosódicas da poesia. É acusado dizer, por um lado, que toda desestruturação se desdobra em uma estruturação implícita se quer simplesmente um erro de língua; e, por outro lado, que muitas das figuras comportam simultaneamente um e outro desses desvios: a metáfora é desestruturação na medida em que afasta a palavra própria e estruturação na medida em que reúne, segundo certas relações os termos que introduz em lugar daquela palavra (LEFEBVE. 1980, p.28).

Diante disto, Lefevbe afirma que a metáfora acontece quando a palavra sai de sua origem, do seu sentindo denotativo para ficar no sentindo conotativo, desse modo assume um novo sentindo, sentindo figurado. Para Lefebve é durante essa troca de sentindo que ocorre a desestruturação das regras do código ordinário formando, dessa forma, a metáfora quando a mesma se distancia do sentindo inicial. O teórico expõe que a metáfora “é desestruturação na medida em que afasta a palavra de sentindo próprio, e estruturação na medida em que reúne, segundo certas relações os termos que introduz no lugar daquela palavra”.

Em todo o poema O cão sem plumas o que se pode observar é justamente essa troca do sentindo denotativo para o sentindo conotativo, desestruturando assim o sentindo da palavra, dando novos significados e criando imagens, isso ocorre na descrição que João Cabral faz do homem, e da realidade exposta no poema, onde ambos são desprovidos de uma vida digna, marginalizados e esquecidos, essa é a essência anunciada pelo poema.

Assim como a presença de metáforas no poema é frequente, como demais figuras de linguagem, as imagens também são um recurso bastante rico dentro do poema, de modo que ao analisar, caranguejo, rio, cidade, quando perdem o valor denotativo e ganham o sentindo conotativo, adquirem outros significados dentro o contexto do poema. Tais acontecimentos requerem mais atenção do leitor na diversificação dos sentidos das palavras, como também dos jogos verbais.

Como destacamos no corpo desta pesquisa, que, as obras de João Cabral não são de leitura fácil, tento em vista que o próprio autor é conhecido justamente por utilizar uma linguagem mais elaborada e hermeticamente estudada, de modo, que o próprio João Cabral deixou claro que já não simpatizava com a sonoridade das formas fixas. Desse modo o leitor terá de ter mais cautela ao ler as obras do poeta.

A poesia de João Cabral se dá, de modo entre a relação criativa do autor, e a imaginação criadora do leitor, de forma que venha beneficiar ambas as partes, uma situação onde a consciência do existencial, ou seja, se auto desvela por meio da obra. Como no poema, o rio e o homem se entrelaçam de tal forma que se auto descobrem em uma relação mútua.

Todavia a forma como o poema descreve toda uma situação precária, a vida, o ambiente retratado, e o homem, faz com que a imaginação vá além do que os olhos

podem ver, formando ao longo da leitura imagens em nosso imaginário, para melhor compreensão do contexto, Lefebve diz que “as imagens são aquelas em que a natureza parece imaginar-se a si mesma, o real desliza para o imaginário dano a impressão de estar prestes a realizar-se” (LEFEVBE, 1980, p.12).

Ao explicitar a realidade desumana e sofrida daqueles que são expostos no poema o poeta afasta-se da poética sublime e acaba por se aproximar e utilizar uma linguagem mais antissentimental. Pois a poética de João Cabral nesse sentindo se dispõe da teoria que defende que pelas palavras de Lefevbe que “a obra representa o mundo, mas também é uma visão do mundo, e finalmente, uma tomada de posição quer dizer, um juízo emitido pelo mundo” (LEFEVBE, 1980, p.16) tendo em vista esta citação, podemos refletir sobre o que de fato se vê, e sobre o que é contado, nas palavras de João Cabral ele faz uma apelação para a sociedade ao demostrar com o seu poema a dura realidade vivida pelas pessoas em situação de emergência, gritando por um consolo, e friamente sendo ignorados pelo resto da sociedade.

A princípio o que se pode observar no poema é a ideia de oposição formada, pois como foi falado anteriormente, quando se fala no rio imagina-se logo a agua limpa, cristalina, água de cântaro, mas na verdade o que é de fato mostrado aos olhos de quem vê é um rio sujo e lamacento, cheio de ferrugem e lodo, esse efeito de oposição faz com que a dura realidade seja cruel. Se vê no trecho a seguir:

> Na água do rio,
> Lentamente,
> Se vão perdendo
> Em lama; numa lama
> Que pouco a pouco
> Também não pode falar:
> Que pouco a pouco
> Ganham os gestos defunto
> Da lama;
> (Melo Neto, 2020, p.106)

O eu lírico sofre ao perceber que os homens que vivem à margem do rio Capibaribe são homens sem plumas, que assim como o rio, não é como de fato vem pintado nos mapas e contado nas histórias, os homens também acompanham essa realidade, o eu lírico também se revolta ao sentir dificuldade em achar aquele homem naquela lama:

Como o rio
Aqueles homens
São como cães sem plumas
(Melo Neto,2020, p.104)

O poema em si se resume a esse descaso, a essa denúncia social, ele vem contando uma história só dele, onde tudo está a olho nu, as imagens que chocam fazem contraponto com as imagens belas, para que assim sejam rejeitadas. Mostra também o menosprezo e a indiferença dos governantes quanto a tal situação, o pouco caso sobre o sofrimento daqueles que sobrevivem naquela lama, de tal forma que a mesma chega a assumir um papel importante, se tornando símbolo de resistência quanto a dureza da vida, daqueles que nela buscam um refúgio e o alimento de cada dia, buscando uma forma de sobrevivência.

O cão sem plumas, assim sendo, é uma perspectiva metafórica de João Cabral para o rio e, para os homens que também lhe são impregnados como cães desplumados, perante a vida e a sociedade vigente. É diante desta dura realidade explicitada no poema que faz como que a vida tenha um sentindo maior para todo e qualquer ser humano que se depara com uma dura realidade como a exposta anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando propusemos esta pesquisa nos deparamos com o quanto João Cabral é uma figura de grande importância no cenário literário nacional e até internacional, suas obras tiveram longo alcance, e o mesmo produziu verdadeiros clássicos da poesia moderna. Dessa forma despertou para as suas obras diversos interesses em estudos acerca de suas características e particularidades, sendo assim, considerado e lembrando por seu rigor estético, João Cabral é tido como um autor ímpar da geração de 45.

Observamos também que devido à grande diversidade em elementos a serem pesquisados em suas obras, sempre havia releituras de métodos já utilizados para análises, que de alguma forma sempre acrescenta algo novo. Todavia utilizamos para esta pesquisa um método não tão utilizado quanto a metalinguagem por exemplo, para o trabalho proposto nos dedicamos a olhar pelo viés metafórico, de forma a analisar as comparações feitas dentro do poema

A proposta desta pesquisa foi analisar e refletir a construção da metáfora no poema O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto. Foram avaliadas também as imagens das paisagens criadas a partir do percurso do rio Capibaribe e como elas de forma ensurdecedora conta a história de uma população e de um rio maltratados e abandonados.

Como também, antes de tudo vem fazendo uma leitura sobre a geração de 45, terceira geração modernista brasileira, que foi de fundamental importância, pois foi onde João Cabral lançou sua primeira obra, sendo assim considerado um continuador desta estética, cronologicamente é claro. Pois o mesmo não se coadunava e tampouco se considerava precursor desta estética.

Observamos no poema que, o mesmo tem traços de experiências do autor, onde mesmo João Cabral sendo um poeta de uma linguagem singular, rica em imagens, metáforas, hermética, dura e seca, tendo em vista que tais aspectos faz com que haja maior proximidade com o leitor.

É possível ainda dizer que, a obra O cão sem plumas, analisada pelo viés metafórico, levando em conta também as imagens exprimidas ao longo de todo o contexto poético, confunde a natureza com o homem a todo momento, como quando diz no enredo do poema, não se sabe mais o que é homem, ou lama, homem ou caranguejo.

Estudar as nuances discursivas de João Cabral, não foi uma tarefa fácil. Tendo em vista o seu rigor estético, e a sua forma de fazer poesia é de fato singular, contanto foi uma tarefa desafiadora, mas também compensadora, pois ao se deparar com a riqueza de sua poética, só confirmou o fato de tal renome e reconhecimento em torno de suas obras, sendo assim deveras importante para desvendar os caminhos seguidos durante esta pesquisa.

Tendo em vista nossa proposta de trabalho e a obra selecionada, O cão sem plumas, assim como os assuntos tratados por ela, sejam esses de cunho social e ambiental, consideramos ser uma obra significativa dentro do contexto de produções de João Cabral de Melo Neto.

Em vista disso, nosso objetivo geral pretendeu compreender como se dá a construção da metáfora, assim como os assuntos tratados por ela, na obra O cão sem plumas. Ao concluir a pesquisa percebemos que foi alcançado a compreensão acerca da construção da metáfora dentro do poema, como também foi viável analisar os demais temas tratados dentro do poema, dessa forma, a pesquisa proporcionou a realização da análise dos conteúdos explicitados no poema, e assim a compreensão dos conteúdos como partes fundamentais.

Para que o objetivo geral fosse alcançado nesta pesquisa, foi preciso primeiramente, percorrer pela poética impregnada no rio Capibaribe, compreender a relação entre homem e rio, e suas diferenças, permeando pelos caminhos da crítica social perante a condição de miserabilidade em que se encontra o rio e o homem, realizando um trabalho de reflexão acerca das questões voltadas para a situação do rio, sua forma e força.

A nossa problemática de fato foi respondida durante a análise do poema, a mesma tinha como preocupação a condição social explicitada no poema, a proposta foi de fazer uma denúncia sobre essa condição, a partir do poema analisado pelo viés metafórico, onde as comparações das condições sub-humanas são realizadas de maneira brutal, a partir disso foi possível também constatar que há diversos assuntos tratados nas linhas do poema, como a condição do rio e seu valor perante a sociedade.

Contudo o que de fato ocorreu durante a realização desta pesquisa foi uma reflexão acerca do que a natureza vem sofrendo, e justamente com ela o causador de sua dor, saiu dessa condição de condicionante de dor, para sofredor também, salientando que os governantes pouco se importam para com os acontecimentos em torno dessa temática social e ambiental.

João Cabral com sua forma inovadora, despiu toda a realidade vivenciada, e simplesmente jogou-a contra a sociedade ao escrever e publicar a obra O cão sem plumas, destacando o descaso das autoridades, e desse modo retratando uma vida dura e difícil para as pessoas que vivem à margem da sociedade, verdadeiramente às margens mesmo. Contundo acreditamos que este trabalho contribuiu de forma significativa ao expor tamanha realidade.

Sendo assim nossa metodologia deu conta das análises propostas acerca do trabalho exposto, pois na medida em que os estudos progrediram a metodologia dava suporte para que a compreensão dos fatores que surgiam durante a construção do mesmo se desse de modo esclarecedor. As leituras realizadas para comportar a base teórica da pesquisa se sucederam de forma dinâmica e esclarecedora, de modo a dar mais propriedade para o estudo proposto. Após a leitura teórica, a análise da obra se deu de forma leve e suficientemente fluente, o que resultou que alcançássemos o desfecho desejado.

Citar a estrutura do trabalho foi importante para que assim pudéssemos observar que os resultados obtidos acerca da pesquisa fossem com a qualidade necessária para a academia, de certo não há trabalho completo, pois sempre há algo novo a acrescentar, todavia acreditamos que ao delimitar a pesquisa dentro dos parâmetros citados anteriormente, e assim ter utilizados pesquisas anteriores faz com que o resultado seja de um só, o de progresso à ciência.

Concluímos, que, invista do estudo mais profundo da obra selecionada para a realização da pesquisa que é o poema O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto, feito uma leitura sobre a geração de 1945 e suas nuances acerca da contribuição para a terceira fase do modernismo, o nosso objetivo foi alcançado.

Porém as contribuições acerca do fazer poético de João Cabral, não para por aqui, uma vez que o pesquisador bebe da fonte das criações do mesmo, fica instigado a sempre beber mais. E desse modo degustar sempre dos sabores ofertados por ele, mesmo que ao se deleitar sobre suas obras se depare com estéticas duras, com características de cunho social, regionalistas e ambientais, como retratados em muitas das suas obras.

Descobrir a essência da obra Cabralina dedicada ao poema, com certeza foi fascinante e revelador quanto a forma de fazer poesia, perceber o eu lírico por meio das figuras de linguagem, assim como também foi possível enxergar a narração permeada pelos personagens, como o rio, o homem e o cão, ocorrendo em meio a

um cenário, desprovido de beleza, diferentemente do que era descrito nos mapas, e desse modo se torna revelador para a construção da nossa análise.

Contudo ao conviver durante um grande período com a obra, e ter pesquisado e respirado tanto a obra como a vida de João Cabral, percebemos também que a sua produção poética é algo de autor referência, que exige um esforço mental para a sua compreensão, justamente por ser complexa. Ele busca na memória fatos e acontecimentos, pelo eu poético sendo eles representados na obra O cão sem plumas pelo homem, rio e o cão. Dessa forma desvelando assim o laço social com as temáticas citadas anteriormente.

Por fim, concluímos, que não poderia ter escolhido temática melhor que essa para ser trabalhada nesta pesquisa, tendo em vista que o poema O cão sem plumas é uma obra apaixonante e reveladora, contudo esperamos que essa seja apenas a porta de entrada para estudos acerca deste autor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.Q. de. Análise geoambiental como subsídio ao planejamento territorial do município de Maracanaú, CE. (Dissertação de mestrado). Fortaleza:MAG-UECE. 2010.

_____ Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos: bacia hidrográfica do rio Maraguapinho, região metropolitana de Fortaleza, Ceará. Tese de doutorado apresentada em 2012 – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

AMOURY, Rita de Cássia Lemos. Sertão, Metáfora e Construção Poética em O Cão Sem Plumas, O Rio e Morte e Vida Severina de João Cabral. – Goiânia, 2011.

ARAÚJO, José Eudes Cordeiro Lima. **O escultor do poema**: Uma análise da metalinguagem na obra a educação pela pedra, de João Cabral de Melo Neto e uma leitura geracional da poesia de 45. 2019. 75 f. TCC (Graduação) – curso de Letras/Língua portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia – Al, 2019. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5875. Acesso em 22/11/2022.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os Clássicos; tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Tradução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Acesso em: 10 nov. 2022.

CASTRO, Josué de. Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 1948.

_____ Homens e caranguejos. São Paulo, Brasiliense. 1967. Disponível em: http://files.cercomp.ufg.br/weby/up/473/0/Homens_e_Caranguejos_J._de_Catro.pdf.

COHEN, Jean. A Plenitude da Linguagem (Teoria da Poeticidade). Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1987. 263 p.

FUKS. Rebeca. Manifesto antropofágico, de Oswaldo de Andrade. 2017. Disponível em: https://www.culturagenial.com/manifesto-antropofago-oswald-de-andrade/. Acesso em 10/09/2022 as 10hrs33min.

GOMES, Ângela de Castro. A invenção do Trabalhismo. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

LEFEBVE, Maurice-Jean. Estrutura do Discurso da Poesia e a Narrativa. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. 292p.

LORDELLO, Eliane. “Viagem ao Recife de O cão sem plumas”. 2013. Disponível em: www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline. Acesso em 24 out. 2022.

MACHADO e SILVA. **Política e literatura:** os cárceres do Estado Novo. Revista Historiador 03. Ano 03. Dezembro de 2010. Disponível em: http://www.historialivre.com/revistahistoriador.

MELO NETO, João Cabral. Poesia Completa; Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas Antônio Carlos Secchin; com a colaboração de Edneia R. Ribeiro. – 1° ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

NETO, Elias Pinheiro. Literatura de representação da realidade no poema O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais ISSN 2238-3565 v.9, n. 1, p.75-86. Goiás, 2020.

OLIVEIRA, Adriana Cazé. **Forma literária social**: um estudo da personagem Macabéa no romance a hora da estrela de Clarice Lispector. 2006. 41 f. TCC (Graduação) – curso de Letras, Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. 2006. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3479/2/20259650.pdf

PETRI e WICHINHESKI. **O governo provisório de Vargas**: um olhar sobre a escrita privada do presidente Leonardo Cardoso. Universo acadêmico, Taquara, v.8, n.1. Jan./dez.2015.

PRIORI, Angelo, et al. **História do Paraná:** séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A Ditadura Militar e a violência contra os movimentos sociais, políticos e culturais. pp. 199-213. ISBN 978-85-7628587-8. Disponível em: http://books.scielo.org.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. Editora da Universidade de São Paulo, -7. ed. São Paulo, 1926-2001.

TELES, Gilberto Mendonça. Lêdo Ivo – A aventura da transgressão. In: _____. Contramargem - estudos de literatura. São Paulo: Loyola, 2002.

WLADIMIR, Saldanha dos Santos. A Geração De 45: uma “Quimera de origem” – Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto e o discurso geracional. Doutorando em Literatura e Cultura – Universidade Federal da Bahia. Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 8, n. 11, 2012.

ANEXO A – ESPETÁCULO “O CÃO SEM PLUMAS”, DE DÉBORA COLKER

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.

Fonte: Folha de S. Paulo, 2017.